

Padrão de pastejo de fêmeas de corte em campo nativo no Sul do Brasil¹

Amaury Garcia Moreira dos Santos², Teresa Cristina Moraes Genro³, Leonardo Minussi⁴, Mariana Rockembach Ávila⁵, Jean Kassio Fedrigo⁵.

¹Trabalho financiado pela EMBRAPA.

² Graduando em Zootecnia - UNIPAMPA – Dom Pedrito, RS. Bolsista IC CNPq. E-mail: Amaury_dp@hotmail.com. Apresentador

³ Zootecnista, Dr., Pesquisador A, Embrapa Pecuária Sul, RS. Orientador

⁴ Graduando em Zootecnia, UFSM, Santa Maria, RS. Bolsista IC do CNPq.³

⁵ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Zootecnia – UFRGS, Porto Alegre, RS.

Introdução

As pastagens naturais constituem a base alimentar da pecuária de corte gaúcha. A maioria das pesquisas realizadas sobre esse ecossistema, no entanto, tem um enfoque direcionado aos índices produtivos, com poucos resultados sobre a interação planta-animal em ambientes pastoris complexos. O entendimento dessa interação é de fundamental importância para maximizar o desempenho animal, a fim de que práticas de manejo possam otimizar a qualidade e a quantidade da dieta ingerida em ambientes pastoris complexos (Thurow et al. 2009). No intuito de compreender as complexas relações entre o animal e a vegetação, o estudo do comportamento ingestivo tem sido usado para entender e explicar o desempenho animal, pois seus componentes são relacionados ao consumo de forragem (Galli et al., 2011).

Objetivo

Este trabalho teve como objetivo obter informações sobre o tempo de pastejo de fêmeas de corte em duas estações do ano, mantidas em campo nativo com diferentes níveis de intensificação.

Metodologia

O experimento foi conduzido na Embrapa Pecuária Sul, localizada em Bagé, RS. A área experimental utilizada foi de 61 ha, subdividida em seis piquetes de 6,8 hectares cada, que abrigava três alternativas alimentares baseadas em campo nativo para recria de novilhas de corte da raça Brangus, mantidas em uma oferta de forragem de 12 kg de matéria seca para cada 100 kg de peso vivo (12% PV). A fisionomia desse local foi descrita por Girardi-Deiro et al. (1992), como campo nativo misto, onde ocorrem boas espécies forrageiras (*Paspalum notatum*, *P. plicatulum*, *P. dilatatum* e *Axonopus affinis*) concomitantemente com espécies grosseiras e arbustivas.

Os tratamentos consistiam em: campo nativo (CN); campo nativo melhorado por fertilização (CNA) e campo nativo melhorado por fertilização mais introdução de espécies hibernais exóticas (CNM), que foram: azevém (*Lolium multiflorum* Lam.) + trevo vermelho (*Trifolium pratense* L.). No mês de março de 2007 foram aplicados em cobertura 100 kg/ha de superfosfato triplo, 133 kg/ha de fosfato natural da Argélia (29% P₂O₅) e 100 kg/ha de cloreto de potássio nos piquetes de tratamento CNM e CNA. A semeadura do trevo vermelho e do azevém no CNM foi realizada no mês de abril de 2008. Nos meses de maio e novembro de 2007 e 2008, foram aplicados 100 kg/ha de uréia em todos os piquetes dos tratamentos CNA e CNM. As avaliações do comportamento ingestivo foram realizadas através da técnica de observação visual, com um observador por piquete. Foram observadas três novilhas em cada repetição, durante dois dias consecutivos. As observações foram realizadas a cada 10 minutos, do amanhecer ao pôr-do-sol: 06h30min - 18h20min e 06h00min – 19h20min, no outono (abril) e primavera (outubro), respectivamente, onde foram medidos os tempos diurnos de pastejo.

As temperaturas médias máximas foram 18,5°C e 17,7°C e as médias mínimas foram 16,8°C e 16,5°C nos meses de abril e outubro, respectivamente.

O delineamento experimental foi de blocos ao acaso, com duas repetições (piquetes). Os dados foram submetidos à análise de variância e suas médias foram comparadas pelo teste de Tukey, quando ocorreram diferenças significativas, utilizando o programa estatístico JMP versão 9.0.0 (2010).

Resultados e Discussão

O tempo gasto na atividade de pastejo diurno sofreu interação entre os tratamentos testados e a estação de avaliação ($P < 0,005$). Ele foi maior na primavera e no outono no campo nativo (CN), seguido pelo tempo gasto em pastejo na primavera pelos animais do CNA e CNM. O menor tempo de pastejo foi registrado no outono no CNA e deve estar relacionado com as características estruturais da pastagem.

Os resultados obtidos nesse trabalho, nos tratamentos CN e CNA na primavera, são semelhantes aos encontrados em campos nativos nas mesmas estações do ano e usando 12 % PV de oferta (Pinto et al., 2007 e Thurow et al., 2009). Em ambos os trabalhos, foram encontrados valores elevados para pastejo diurno, acima de 500 minutos. Talvez, este maior tempo de pastejo esteja relacionado com as características estruturais da pastagem, como foi sugerido por Pinto et al. (2007). Esses autores salientaram que a oferta de forragem e a massa de forragem não explicam suficientemente o tempo de pastejo de animais mantidos em pastagem natural. Segundo eles, em vegetações heterogêneas, deve-se considerar a diversidade estrutural na caracterização da pastagem visando sua associação ao comportamento em pastejo.

Tabela 1. Tempo médio diurno (min.) de pastejo em campo nativo (CN); campo nativo melhorado por fertilização (CNA) e campo nativo melhorado por fertilização mais introdução de espécies hibernais exóticas (CNM)

	CN	CNA	CNM
	Tempo de pastejo (min.)		
Outono	514b	416d	453c
Primavera	588 ^a	510b	489b

Médias seguidas de letras distintas diferem entre si pelo teste Tukey ($P < 0,005$)

Com relação à frequência de pastoreio, não houve diferenças significativas entre os tratamentos estudados e as estações do ano ($P > 0,05$). Ocorreram diferenças, no entanto, entre os horários avaliados, nas duas estações. No outono, o horários alta frequência de pastejo ($P < 0,05$), com 90% dos animais pastejando, foi das 16:30 às 17:20 h houve, que foi semelhante ao pastejo das 17:30 às 18:20 h e das 7:30 às 8:20 h. Não ocorreu uma alta frequência de pastejo ao amanhecer e ao entardecer como a relatada por Hodgson (1982). Segundo ele, o pastejo ocupa de seis a 11 horas por dia,

normalmente em dois períodos mais importantes, um ao amanhecer e outro ao entardecer, e períodos curtos durante o dia e à noite. Nesse trabalho, esse padrão de pastejo foi encontrado na primavera onde os animais apresentaram os dois períodos de pastoreio citados por Hodson (1982). A frequência de pastejo se manteve alta a partir das 6:00 h até às 8:00 h e das 16:00 até às 18:00.

Conclusões

O tempo de pastejo de fêmeas de corte é afetado pelos diferentes níveis de intensificação do campo nativo e pela estação do ano, sendo maior para animais mantidos em campo nativo. A estação do ano teve influência sobre a distribuição do pastejo de fêmeas de corte, mantidas em campo nativa com diferentes níveis de intensificação.

Referências Bibliográficas

- GALLI, J.R.; CANGIANO, C.A.; MILONE, D.H.; LACA, E.A. Acoustic monitoring of short-term ingestive behavior and intake in grazing sheep. **Livestock Science**, v.140, I.1, p.32-41, 2011.
- GIRARDI-DEIRO, A.M., GONÇALVES, J.O.N., GONZAGA, S.S. Campos naturais nos diferentes tipos de solo no Município de Bagé, RS. 2: Fisionomia e composição florística. *Theringia*, Porto Alegre, v.42, p.55-79, 1992.
- HODGSON, J. Ingestive behavior. In: PENNING, P.D. (Ed.) *Herbage Intake Handbook*. **Hurley: British Grassland Society**, p.113-38, 2004.
- PINTO, C.E., CARVALHO, P.C.F., FRIZZO, A., et al. Comportamento ingestivo de novilhos em pastagem nativa no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.36, n.2, p.319-327, 2007.
- THUROW, J.M. Nabinger, C.; Castilhos, Z.M.S.; et al. Estrutura da vegetação e comportamento ingestivo de novilhos em pastagem natural do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.38, n.5, p.818-826, 2009.